

“A Marcha passou por aqui”: observações sobre a Marcha das Vadias nas ruas do centro do Recife.¹

Anna Odara de Araujo Tavares
UFPE

Palavras-chave: Performance; Cidade; Marcha das Vadias

Este trabalho parte de uma pesquisa etnográfica realizada na Marcha das Vadias Recife (MVR) entre os anos de 2017 a 2019, entendendo como essencial a relação da manifestação com as ruas do centro da cidade, convertendo-se num espaço singular para determinadas formas de reivindicação política.

Iniciada no Canadá, em 2011, com o nome Slutwalk, a Marcha das Vadias se caracterizou como uma manifestação de mulheres que foram às ruas com roupas consideradas “provocantes”, em corpos seminus, se autodeclarando “vadias”, como forma de protesto a cultura do estupro. As roupas curtas, os corpos desnudados, adornos e outros elementos estéticos foram transformados em críticas às moralidades e aos padrões sociais que impactam a vida das mulheres. Com grande repercussão online, a Marcha chegou em Recife com características próprias, e aconteceu de 2011 a 2019, se consolidando como uma das mais representativas manifestações feministas ocorridas na cidade, ocupando ruas do centro.

Em todos os anos de realização da Marcha, exceto em 2019, esta teve início na Praça do Derby, local de importante integração entre diferentes pontos da cidade, contando com grande circulação de ônibus, pontos de táxi e principal ponto de passagem para quem transita na cidade. É cruzada pela Avenida Agamenon Magalhães, primeira perimetral construída na cidade, que possui um tráfego diário de cerca de 100 mil veículos . Ao longo das doze faixas se estruturam diversos edifícios comerciais, hospitais renomados, sendo uma importante ligação entre a região Leste e Oeste da cidade. Além disso, a Praça do Derby é marcada historicamente por abrigar as mais importantes manifestações políticas do Recife. A fala de uma das entrevistadas, em 2017 expõe esse argumento:

[...] A Praça do Derby é historicamente um espaço de resistência, de luta. As manifestações históricas do estado, elas se concentram aqui... então é um simbolismo muito grande que as mulheres estejam ocupando esse espaço que politicamente é um espaço importante, mas que também é um

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

espaço masculino onde a concentração nas manifestações na maioria das vezes são de homens e a gente olhar ao redor e ver uma concentração de mulheres nesse espaço é importantíssimo (Malu, 27 anos, historiadora, entrevistada em 2017).

A Marcha das Vadias Recife era caracterizada pela presença de mulheres que iam para a rua e mostram os peitos, pintam os corpos, empunham cartazes, sendo a ocupação do espaço público uma das estratégias de reivindicação. A Marcha, então, mobiliza grande impacto por se constituir como um movimento formado por mulheres, ocupando espaços públicos que normalmente são majoritariamente ocupados por homens, para se afirmarem pertencentes e ocupantes daquele espaço, afirmando também a autonomia sobre seus corpos e suas escolhas. Na foto abaixo mostra a concentração de mulheres na Praça do Derby antes da saída da Marcha, sendo um dia em que as mulheres se espalham pelos locais que passam, utilizam técnicas de ocupação urbana a partir das mais variadas formas resistência civil, manifestações, greves e passeatas (SÁ BARRETO E MEDEIROS, 2017).

Figura 1 – Marcha das Vadias Recife 2018, concentração na Praça do Derby



Fonte: Anna Odara, 2018.

Outro ponto importante a ser observado ao falar de manifestações de rua, é pensar a cidade como campo de ação política (HARVEY, 2014). Apontando sobre o direito à cidade, o autor entende a ocupação do espaço público como essencial para as lutas políticas. É possível alcançar maior ou menor visibilidade aos protestos a depender da

área que será ocupada no contexto urbano. Este é um espaço em constante disputa, excludente e hierarquizado, perpassado por marcadores de gênero, classe, raça e sexualidade.

Entendo aqui as vestimentas e a nudez no espaço público em lugar central no conceito e realização da Marcha, como formas singulares de protesto, por seu poder subversivo, de ressignificação, força estética e discursiva. Portanto, grande parte dos esforços analíticos passa pela apropriação dos corpos como elemento político reivindicatório (BUTLER, 2019). O empreendimento etnográfico focou na ocupação do centro da cidade por mulheres em um ato político, onde, nos três referidos anos, tiveram a concentração inicial em praças do centro da cidade, marcadas historicamente por abrigar as mais importantes manifestações políticas do Recife, como campo de resistência e luta.

O espaço público, majoritariamente ocupado por homens, como campo de disputa, era ocupado e marcado pelas mulheres em marcha. São vozes, instrumentos, palavras de ordem, lambes, pixo que falam sobre as lutas, dores e reivindicações das sujeitas. Alguns destes elementos conseguiam romper o momento da Marcha e permaneciam ocupando os muros, pontos de ônibus, lixeiras, postes de iluminação, compondo e se apropriando do cenário urbano.

Além de ocuparem espaço, os elementos visuais que a Marcha das Vadias deixava se conectavam e se incorporavam ao tecido urbano, deixando no centro da cidade a materialização dessa performance política. Como aponta uma entrevistada:

“A rua ela fala, e a Marcha é expressão do corpo, a Marcha ela é artística, social, cultural e enfim, é uma manifestação, os muros falam... porque a gente vê que pós Marcha tem todo aquele clima de “a Marcha passou por aqui” e é isso... são as mulheres na rua, são milhares de mulheres na rua mostrando várias ideias e se comunicando com a cidade e a cidade é onde a gente sempre tá, é onde a gente sempre circula, vai pra casa, volta pra casa, onde a gente trabalha, estuda... então é muito importante essa cultura”. (Thais, artesã, entrevistada em 2017)

A Marcha das Vadias Recife incluía as mais variadas formas de expressões artísticas e performances. Ao longo dos anos de investimentos etnográficos, observei o uso de pixo, lambes, teatro, danças, músicas e as mais variadas intervenções que ficavam marcadas no tecido urbano, seja por tintas, colagens, panfletos, cartazes. O patrimônio público – e privado – era marcado e se convertia em registros, individuais e coletivos, materiais ou não, visuais e auditivos, que, até hoje, documentam não só a cultura, como também registram na memória – e na história do feminismo - um movimento político de mulheres em uma grande cidade do país.

O primeiro momento da manifestação, ainda no local de concentração, as mulheres chegavam, se reconheciam, se acolhiam e se preparavam para iniciar a marcha utilizando tintas para pintar o corpo ou confeccionar cartazes, como visto abaixo:

Figura 2 – Confeção de cartazes e pintura no corpo na concentração da MVR 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

Na concentração era também o momento de confecção da faixa que abre a Marcha. No ano de 2019 a faixa foi feita em parceria com as Pixegirls, grupo de mulheres recifenses que se expressam através do pixo, com o coletivo Cores do Amanhã, organização não governamental que fomenta projetos voltados para artes e cultura.

Figuras 3 - Faixa sendo confeccionada MVR 2019, Praça Oswaldo Cruz



Fonte: Anna Odara, 2019

As performances se configuram enquanto marcadores por onde a Marcha passa. Nos anos que acompanhei a Marcha havia ao menos uma intervenção artística no espaço de concentração. No ano de 2017 abordava o racismo como tema principal. A artista Perlla Rannielly, mulher trans negra, apontava a diminuição do seu valor pela sua cor. Ela era prostituta e seus serviços valiam menos por ela ser negra. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantado por Elza Soares, tocava ao fundo em uma bicicleta com uma caixa de som, até que a artista performer usou tinta branca para se “embranquecer”, e agora, metaforicamente, por ser branca, “valia” mais e poderia cobrar mais pelos seus serviços.

Figura 4 – Ato na concentração Marcha das Vadias Recife 2017



Fonte: Disponível em <<http://www.leiaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/>> Acesso em 25 de junho de 2017.

Em 2018, a performance foi diferente. No coreto da Praça do Derby, foi colocado um varal expondo roupas com dois cartazes que diziam “roupas que estavam sendo usadas por mulheres quando foram estupradas” e “a culpa nunca é da vítima” como pode ser visto na figura abaixo. Entre as vestimentas penduradas estavam uma calça preta, uma camisa social de cor clara com manga três quartos, um vestido modelo “tomara-que-caia” florido, um vestido longo florido, uma saia longa, duas saias coloridas, uma blusa escura modelo babylook. Todas estas se configuram no que seriam consideradas roupas “normais” e adequadas ao padrão social moral. Essa intervenção reforça a ideia de que a roupa não é o elemento motivador para a violência que as mulheres sofrem.

Figura 5 – Roupas expostas no coreto da Praça do Derby, MVR 2018



Fonte: Anna Odara, 2018.

Em 2019, a MVR contou com uma performance diferente. Uma mulher estava entre as pessoas e começou aos poucos a pedir que as mulheres presentes desenhasssem algo com batom na pele dela. Em seguida, começando a chamar mais atenção dos presentes, ela pedia que algumas mulheres a acompanhassem de um ponto a outro da roda que ia se formando, pois estava com medo de ir sozinha, e se sentiria mais à vontade se alguém pudesse acompanhá-la. Quando ficou sozinha no meio da roda, começou a simular agressões, apertando os seios, como mostra a imagem abaixo, as pernas, bundas, como se ela tivesse sendo violentada diante de todos que estavam ali presentes. A performance buscava denunciar a violência que as mulheres sofrem, falando também sobre as violências a que este corpo está exposto. A mulher representada tem medo de andar sozinha na rua, tem medo de circular na cidade durante a noite e conta com a solidariedade de outras mulheres para se sentir um pouco mais segura, andando em grupo.

Figura 6 – performance Marcha das Vadias 2019, Praça Oswaldo Cruz



Fonte: Anna Odara, 2019

Além das performances, a arte urbana, com conteúdo político e feminista, também constituem a Marcha. O lambe e os registros de pixo são os mais recorrentes. Em 2017

uma artista que participava da Marcha colou lambes nas paredes e paradas de ônibus com as palavras “ventre livre”, fazendo referência à legalização do aborto, e “abandona teu Diego Rivera”, referindo-se ao cônjuge com o qual a artista plástica mexicana, Frida Kahlo, manteve um relacionamento conturbado durante anos. Em 2018 um dos lambes colados durante a caminhada Obras de arte urbanas, com conteúdo político e feminista, também constituem a Marcha. dizia “tu não precisa desse macho uó”, incentivando mulheres a saírem de relacionamentos abusivos.

Figura 7 – Lambes colados no percurso da Marcha das Vadias



Fonte: Anna Odara, 2017/2018

Em 2019 ocorreu uma performance no decorrer da Marcha, na Avenida Conde da Boa Vista, em parceria com a Coletiva Rua Das Vadias, uma coletiva de artes do corpo que desenvolve ações temáticas sobre gênero e sexualidade. Nela, as mulheres estavam usando blusa regata, short, top, vestido, calça e jogavam sobre si um balde de tinta vermelha que as cobria com o líquido vermelho, simbolizando o sangue derramado pelo feminicídio ao qual mulheres estão expostas todos os dias. Quando as mulheres cruzaram a rua Gervásio Pires, no centro do Recife, as mulheres pulavam e gritavam juntas as palavras: “não, não mais, não mata, não mata mais!”

Figura 8 – performance contra o feminicídio MVR 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

Em 2018 a manifestação teve fim na praça do Diário, em frente à ocupação Marielle Franco, prédio ocupado pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MTST) no centro do Recife. O Slam das Minas² de Pernambuco fechou a Marcha com uma de

² Grupo de artistas mulheres que fazem batalha de poesia falada

suas integrantes, Olga, como pode ser visto na imagem abaixo, recitando um poema autoral sobre o borbulhar de um vulcão que não pode ser parado, sendo este o feminismo.

Figura 9 – encerramento MVR 2018, Praça do Diário



Fonte: <https://www.leijaja.com/noticias/2018/06/09/contra-o-feminicidio-mulheres-ocupam-o-centro-do-recife/> Acesso em julho de 2020

O fim da Marcha em 2019 aconteceu no cruzamento da Avenida Conde da Boa Vista com a rua da Aurora, onde as mulheres que fizeram a performance sujas de tinta vermelha se lavaram com água limpa, simbolicamente retratando o fim da violência contra a mulher. Foi lido em forma de jogral uma carta de agradecimento às mulheres presentes, e pedido que todas se dispersassem com cuidado.

Figura 10 – encerramento da MVR 2019, Rua da Aurora



Fonte: Anna Odara, 2019

Sobre manifestações, os corpos unidos nas ruas transmitem seus significados políticos não apenas por meio do discurso, escrito ou falado, mas por meio de suas performatividades corporificadas (aqui inseridos danças, músicas e as mais diversas formas de performances) e da presença desses corpos na rua (BUTLER, 2018). Além dessas performatividades, a presença nas ruas, objetos e estéticas utilizados pelas sujeitas é capaz de produzir significados subversivos, contra narrativas, e estéticas políticas revolucionárias.

Considerações finais

O espaço urbano é um local de constante disputa. Quando se fala de populações que têm direitos constantemente questionados, a reunião dos corpos nas vias públicas é também uma forma de exercer o papel performativo de reivindicação através da ocupação deste espaço. A performance aqui abre as mais variadas práticas artísticas para aparecer, reivindicar e colocar os corpos no campo político. Dessa forma, o que acontece nas manifestações, como a Marcha das Vadias, é a expressão corpórea de insatisfações relacionadas à condição das mulheres, emprego, moradia, violência policial, conservadorismo, feminicídio, pobreza e luta por melhores condições de vida no geral para a parcela da população mais precarizada. Após essa passagem, as marcas ficam na cidade, a tinta no asfalto, os lambes na parede, o trânsito ainda mais caótico. Não é possível passar ileso a experiência de uma manifestação, ao que foi visto, ouvido, vivenciado, se convertendo também em história material e memória da cidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais; Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil**: reflexões sobre o campo feminista. In: Cadernos Pagu, n.43,13-56, 2014

BAGGIO, Adriana. T. **Saia ou calça?** Construção publicitária de papéis sociais femininos por meio da roupa. In: COLÓQUIO DE MODA, 10, 2014, Caxias do Sul. Anais Colóquio de Moda, Caxias do Sul, UCS, 2014. p.1 a 10

BAGGIO, Adriana T.; LUZ, Nanci S. **A dimensão política do assédio sexual de rua**: aplicativos de mapeamento como iniciativas de cidade inteligente. Revista Estudos semióticos, vol.15, n.1 – agosto de 2019. Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/esse/article/view/160193/155181> . Acesso em julho 2020.

BENTO, Maria Aparecida S; CARONE, Iray (Org.) Psicologia social do racismo – estudos sobre

- branquitude e branqueamento no Brasil. – 6. ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014
- BOGADO, Maria. **Rua**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. – 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. 1 ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- CHEGA de fiu fiu. Documentário. 73 min. Direção de Fernanda Frazão e Amanda Kamanchek. Brasil, 2018.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2019.
- CORRÊA, Marisa. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Cadernos Pagu: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, Lisboa, v. 16, p.13-30, out. 2001.
- COSTA, Cristiane. **Rede**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. – 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- CUENTRO, Ana Cecília N. **“Racha, a senhora é maravilhosa!”: Novas sujeitas e práticas políticas contemporâneas no movimento feminista na cidade do Recife-PE**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. – 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2017.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 13. ed. São Paulo: Cadernos de Campo, 2005. 13 v. Tradução de: Paula Siqueira.
- GALETTI, Camila Carolina H. **Corpo e feminismo: A Marcha das Vadias de Campinas/SP**. Dissertação de Mestrado do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB. Brasília, 2014.
- GALETTI, Camila Carolina H. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. Recife: 18° Redor, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 20 mai. 2017
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p. GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. São Paulo: Ubu editora, 2018. GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. 59. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil: A Marcha das vadias: continuidades e mudanças no feminismo**. 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922014000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- GOMES, Carla de Castro. **Corpo, emoção e identidade no campo feminista contemporâneo brasileiro: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2018.
- HELENE, Diana. **A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade**. In REDOBRA 11, ano 4, n 1, CORPOCIDADE 3, 2013, pp 68-79. Disponível em <http://www.redobra.ufba.br/>. Acesso em junho 2020.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Política, Cultura e Universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. – 2 ed. – São Paulo: n – 1 edições, 2018

MEDEIROS, Raquel. “**Meu corpo, Minhas regras**”: Corpo, linguagem e gênero no movimento Marcha das Vadias. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397137162_ARQUIVO_ANPUH_MEUCORPO,MINHASREGRAS_comfoto.pdf. Acesso em junho 2020

MIGUEL, Luis Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil. S.l.: Boitempo, 2018. p. 16- 24.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “**Ideologia de gênero**”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SÁ BARRETO, Francisco; MEDEIROS, Izabella. **A “Ocupação” Como Léxico Da Agência Política Nas Cidades Contemporâneas**: O Caso Do Movimento Ocupe Estelita em Recife – Pernambuco. Caxambu: 41º ANPOCS, 2017.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos de 1970**: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto, 2004

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas – A moda do século XIX**. São Paulo, Companhia das letras. 2. Ed, 2019.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.